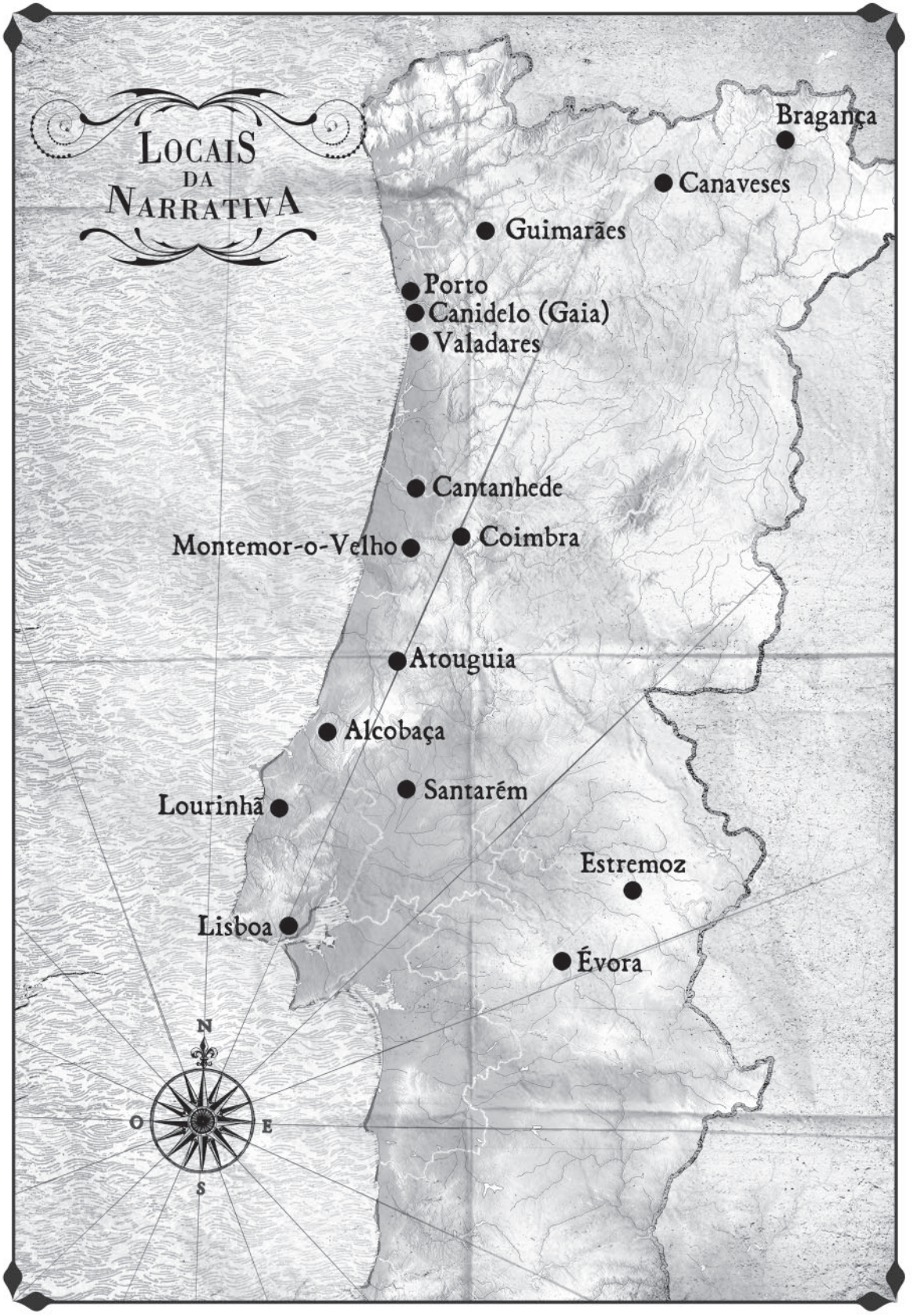
acorda inês – a rosácea

maria helena ventura

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina


Locais da Narrativa
Bragança
Canaveses
Guimarães
Porto
Canidelo (Gaia)
Valadares
Cantanhede
Montemor-o-Velho
Coimbra
Atouguia
Alcobaça
Santarém
Lourinhã
Estremoz
Lisboa
Évora
N
O
E
S

À memória da minha avó Carolina
natural de Canidelo, Vila Nova de Gaia,
o lugar onde Pedro e Inês foram mais felizes.

Maria Helena Ventura

(…) Ora assi é que, enquanto Dona Inês foi viva, nem depois da morte dela, enquanto el-rei seu padre viveu, nem depois que ele reinou atá este presente tempo, nunca el-rei D. Pedro a nomeou por sua mulher; ante dizem que muitas vezes lhe enviava el-rei D. Afonso perguntar se a recebera, e honrá-la-ia como sua mulher; e ele respondia sempre que a nom recebera, nem o era.

CAPÍTULO XXVII
Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*

AS DENSAS SOMBRAS DA HISTÓRIA

É loucura escrever sobre Pedro e Inês, o tema mais explorado da História de Portugal?

Os leitores merecem uma revelação, antes de iniciarem a viagem pelas páginas deste título: não é só esse lapso de tempo redutor que o romance desdobra.

Merecem ainda saber que a ideia inicial era trazer à luz a figura de Afonso IV, sétimo rei da primeira dinastia que, apesar do cognome de *O Bravo*, ficava pelos séculos fora embrulhado na fama de herdeiro rebelde e conflituoso. Afinal destruíra o equilíbrio do reinado próspero de um pai visionário e brilhante — D. Dinis — numa guerra de cinco anos, por ciúmes dos irmãos bastardos nascidos muito antes dele.

Era importante, conforme sugeria o editor, tentar apurar as razões desse quarto Afonso da primeira dinastia. Na solidão de único filho legítimo, temeroso de que lhe escapasse o direito a herdar a coroa, agia como se apenas albergasse ódio dentro do seu coração.

A coroa não lhe escapava. Tinha do seu lado boa parte da nobreza e do clero que se opunham ao pai. Tinha o empenho da mãe já com a aura de santa e a veneração de ambas as classes. Mas escapava-lhe a necessidade de ir construindo o respeito dos futuros súbditos e do filho com base no amor, para assegurar um reinado sem fissuras.

Assim, os objectivos iniciais que motivavam este trabalho literário eram ultrapassados por urgências inadiáveis. Outras figuras se agigantavam no espectro de um sonho antecipado, destronando as que a princípio se perfilavam em esboço minucioso. Pedro, único filho varão de Afonso IV a chegar à idade adulta e a herdar o trono, acabaria por se impor às outras personagens, ele e os seus herdeiros. Era preciso explorar outras ramificações genealógicas, seguir outros caminhos da História que a própria História sempre dissimula.

Pedro e a fragilidade de uma saúde mental que o aprisionava em ondas

de loucura. Pedro e a instabilidade emocional que o levava a todos os pontos do reino para vigiar a aplicação da justiça, com uma crueldade que o excitava. Pedro e os pormenores de uma paixão arrebatadora, empolada por autores sem escrúpulos, que inventavam tétricos cenários caros à dramaturgia, mas inverosímeis em contexto histórico. Pedro e Inês, a dama de companhia da consorte que cedo partira, a donzela que não lhe era imposta por nenhum arranjo de estado e por isso o cativava tanto.

Neste romance Inês não é só a figura ditosa de tão amada, porque curta era a sua vida. Personifica a mulher usada como bode expiatório de todos os erros das lideranças masculinas, primeiro em itinerância forçada para viver o seu amor sem ser apontada como barregã, depois sacrificada à segurança do reino com a pena capital. Aqui, nesta realidade ficcionada, com voz serena e determinação, a marcar um lugar de figura adorada pelos portugueses que já lhe foi concedido sem equívocos ao longo de gerações.

Havia ainda os herdeiros e seus destinos implacáveis: dois legítimos e três bastardos. A revelação de incesto entre o futuro Fernando I e a meia-irmã Beatriz, figura mais importante da corte do pai que sempre assumira a condição de viúvo até morrer, já não é segredo. Nem a bissexualidade de Pedro I de Portugal, cedo sugerida por Fernão Lopes. Mas talvez poucos saibam que o infante D. Fernando foi pai de uma filha, ainda novo, sem nunca se revelar sem equívocos o nome da mãe verdadeira…

Esses ingredientes não podiam ser esquecidos, teriam de ultrapassar a figura de Afonso IV em nome da fidelidade à História, sem comprometer a ficção.

Por fim, mesmo reconhecendo os defeitos de Pedro I, a autora tem para com ele e para com as voltas da roda da fortuna, uma espécie de dívida: foi em Canidelo, onde tem parte das origens paternas, que Pedro e Inês viveram os momentos mais felizes. Por respeito aos acontecimentos históricos conhecidos e aos omissos, resolvia dedicar este livro aos seus ancestrais, ciente de que ficção e realidade são parte do sortilégio da vida.

Maria Helena Ventura

0

UM FIO DE SANGUE

As névoas pardas do anoitecer começavam a cair sobre os telhados. De lanterna na mão esquerda, alucinado, o Rei adiantava-se ao criado e empurrava a espessa porta da loja.

Subia a escada ansioso. Estacava ao vê-la deitada no lajedo.

Aquele fio de sangue que lhe chegava aos pés dava-lhe a certeza de ter sido consumado o acto que tentara impedir. Ou não tentara?…

Não tinha mandado tanto, só levá-la outra vez para Albuquerque e pedir que a mantivessem no castelo. E só no caso de recusar…

A sombra de Sancha Peres, mais mirrada do que múmia, projectava-se na parede triplicando de tamanho. O Rei virava-se para trás

Que lhe fizeram, mulher?

O que Vossa Alteza mandou: degolaram-na…e grande mercê lhe fazia o Rei — ia dizendo o carrasco

Não mandei nenhum carrasco…de quem falas?

Mandou, sim, Alteza, há muito que ameaçava fazê-lo

Não lhe respondia, cerrava o punho direito em protesto, sempre em lamentos confusos

E as crianças?

No Paço Real da Alcáçova com a Senhora D. Beatriz. Branca da Lourinhã trouxe-as a vosso mandado

Não mandei vir essa mulher que dizes e nem sequer a conheço

Bem me parecia, Senhor D. Afonso…

Agora mais apreensiva, resolvia silenciar enquanto o Rei que amamentara continuava às voltas do corpo inerte com a lanterna levantada

Estivemos em Conselho em Montemor, eu e os meus validos. As consequências da seca vieram juntar angústia às angústias que já tínhamos. Sobre este

assunto tão sério recomendei a Diogo Lopes Pacheco que não fizessem o pior e, sendo para fazer, só daqui a três dias teriam o meu consentimento. Pêro Coelho concordou, mas Álvaro Gonçalves insistia mais

Pois foi o moço do meirinho-mor, sim…Ajudado pelos feros homens que o acompanhavam, avançou com a baba a escorrer da boca, atou-lhe as mãos atrás das costas enquanto os ajudantes a dominavam e depois executou o golpe. O meirinho não quis ouvir mais quando ela implorou que a deixassem ir embora

A jovem aia de Inês não se atrevia a juntar umas palavras quando o Rei a interrogava. Abria a boca em desesperadas tentativas para dizer alguma coisa, mas em vão. Enquanto as lágrimas lhe escorriam dos olhos, fundos soluços atropelavam o discurso. O Rei agitava a mão livre, voltava a dirigir-se a Sancha

Digo-te que o mando matar a ele

A ele quem, ao carrasco? Só cumpriu ordens de Vossa Alteza, que pediu aos que saíram do Conselho para serem duros com ela, foi o que constou por aqui

Não sei como constou tão depressa…nem ser duro quer dizer matar. Não queres tu morrer às minhas mãos?

Desatava a berrar convulsivo, fazendo tremer as sombras da lanterna na parede, desafiando o silêncio sepulcral da casa. Bem sabia que no fundo tinha razão a velha Sancha: só a uma palavra sua o meirinho-mor mandava o algoz e todas as sentenças capitais passavam pela mesma hierarquia. E que importava agora? Tinha a morte à sua frente, já nem se lembrava se dera ordens para avançarem nesse dia, ou noutro dia qualquer. Morte…

Queres tu morrer às minhas mãos, velha encarquilhada?

Tanto me dá morrer agora, como daqui a uns tempos, Senhor D. Afonso. E por ordem daquele a quem dei o peito, não deixaria de ser uma ironia do destino. A minha idade já avançou para além da conta, mas Vossa Alteza também já não vai para novo. Se julga ficar por cá muito tempo, ganhe siso…dar ordens para um crime no Paço que foi de Vossa Mãe…

Não lhe dava ouvidos. Inclinava-se para o corpo encolhido sobre si mesmo na laje fria da sala, de rosto meio encoberto pelos cabelos fulvos. Ia jurar que tinham escurecido…Afastava-os, levantava a lanterna para fixar os olhos ainda abertos. Não se atrevia a olhar mais. Voltava a cobrir-lhe a face com uma madeixa de cabelo, endireitava-se a custo com a mão direita nas cruzes e soluçava como ninguém o vira antes, nem quando o pai lhe dissera que preferia o bastardo, ferindo-o quase de morte. E agora arrimado à parede, fazendo da empena um bordão, voltava a gritar desesperado

ACORDA, INÊS…LEVANTA-TE DAÍ…PORQUE NÃO ACEITOU PEDRO A MINHA BÊNÇÃO PARA PODEREM CASAR? ACORDA JÁ, INÊS. TIREM O CORPO DAQUI…Ó NOSSA SENHORA DAS SALVAS!

I

PARADA A SUCESSÃO DO TEMPO

Por momentos não se ouvia o rumor do vento, nem as vozes da Natureza.

Isabel de Cardona assomava à porta onde estivera encoberta pelas sombras. Era a segunda abadessa do Mosteiro de Santa Clara, prima do Rei por via materna, quase tão idosa como Sancha Peres. Pelo passadiço que levava ao Paço da Rainha, ia roçando o braço nas pedras da parede para sentir a dor do momento. Já não aguentava a ligeireza com que os nobres que servira, tantos da sua família, decidiam sobre a vida e morte dos súbditos. A tia Santa Isabel, que acompanhara desde Aragão, mitigava muitas angústias que sentira ainda donzela. Merecia melhor descendência, tanto ela como D. Dinis.

Alguém vinha entrando pela porta principal a brandir no ar a espada e a fazer grande alarido. Era Gil Vasques de Resende, adiantado do Rei, ou para amedrontar as vozes firmes das damas, ou para afugentar algum criado que tivesse a veleidade de perturbar Sua Alteza

Menos espada, mais tolerância e amor, senhores — sentenciava Isabel.

Era assim que ouvira certa vez à camareira-mor da Rainha Maria de Molina no Paço de Valladolid, quando os ânimos se exaltavam entre ela e os membros da cúria por detalhes da regência, depois da morte do marido. A viúva de Sancho IV de Castela soubera ouvir a dama mais importante da sua corte de serventes e segurar as rédeas do poder na menoridade do filho. Fernando viria a casar com Constança de Portugal, enquanto Beatriz, ainda criança, era prometida ao irmão, Afonso. Vinha para a corte portuguesa com apenas quatro anos, ficando aos cuidados amorosos de Isabel de Aragão. Era entre a sábia Maria de Molina e D. Dinis, sempre com participação da consorte, que desse modo se consolidavam as fronteiras entre os dois reinos, com assinatura solene no tratado de Alcanizes.

Isabel de Cardona lembrava muitas vezes à pequena infanta os mesmos princípios que ouvira à velha aia da mãe. E Beatriz, agora mulher do Rei, tornava-se tão sábia como a Rainha de Castela que lhe dera vida. Talvez mais ponderada, ainda, porque só uma dama de rara perspicácia e muita serenidade seria capaz de domar o rígido feitio de Afonso IV e de receber dele um amor pouco comum em varões da realeza.

Até a Inês, mandada vir por Constança Manuel pouco depois de casar, Isabel de Cardona segredava que preservasse a virgindade para um esposo de casta, mas nunca o futuro rei. Bem via as trocas de olhares, a ternura a saltar-lhes do rebordo das pestanas. Pedro era um pedaço de macho bem-apessoado, estouvado, fogoso. Nem a gaguez e o rubor lhe reduziam o encanto, estampado na vivacidade que os olhos negros chispavam. Resistir-lhe? Inês não conseguia. Só lhe apetecia ampará-lo quando alterado gaguejava mais. E depois já era o vício de lhe querer, a mornidão da pele no silêncio acetinado da noite.

Constança ainda criava o vínculo de compadrio para os afastar, mas até esse frágil obstáculo sancionado pela Igreja deixava de existir em pouco tempo. O filho que a futura rainha dera à luz morria com poucos dias de vida, como se o destino escancarasse o portal da felicidade aos dois amantes, que já não podiam apartar-se. Isabel de Cardona insistia

D. Pedro é um infante muito instável, minha filha…não basta que tu o ames…Foste informada de como ele corre por aí atrás de qualquer dona, ou manceba. E até de macho, sabias?

Inês acreditava piamente no amor fiel do seu formoso Pedro, mas depois de os privados do Rei terem notado aquela atracção mútua, Afonso IV mandava que a retivessem no Mosteiro de Santa Clara, como se fora outra das monjas com o hábito vestido. De nada servia. O infante era irreverente, com pouco mais de 20 anos, ela rondava os 15, estava na idade do deslumbramento com as cartas que ele mandava. As monjas mais novas rejubilavam. Na rotina pouco austera do mosteiro, exultavam com o encantamento do idílio. E mal recolhiam as mensagens nos canais de água, sob uma pedra mais lisa, no tronco de um velho choupo, disputavam o direito de as entregar à donzela que já não o era.

Faziam segredo dos encontros de ambos, esperavam a chegada de Inês corada do acto de amor, queriam ouvir como fora. E desejavam um futuro assim, quando ela contava os pormenores mais íntimos, com risadas disfarçadas para não acordarem a abadessa. Todas as noites, ora na cela de uma, ora de outra, reuniam depois da oração na igreja para ouvirem o episódio do arrulhar da tarde. E adormeciam com um sorriso no rosto, a sonhar com príncipes encantados

Mas atenção…toma as precauções que te ensinei para não ficares prenhe — avisava uma dama já viúva que não fizera voto de clausura.

Tudo se sabia, Isabel de Cardona era obrigada a contar à Rainha D. Beatriz, os mais próximos do Rei eram informados pelos servos. Não podiam aceitar um tal pecado, a injustiça de D. Constança viver na penúria do aconchego do marido, quatro anos mais novo do que ela. E antes que um lugar de recolhimento se tornasse espaço de gozo de filhas d'algo, o Rei ordenava que Inês fosse remetida, quanto antes, ao Castelo de Albuquerque, onde fora criada pela viúva do irmão que ele tanto guerreara e que tão cedo morrera: Afonso Sanches, o preferido do pai.

Inês ia embora, de coração desfeito no rio de tanta amargura. Pedro corria pelos montes em caçadas com a sua corte, sem querer regressar ao Paço. Chamava por ela aos gritos, umas jardas afastado dos validos. Ele que tanto gostara de varão, quando mais novo, só queria o corpo de Inês, o seu olhar cândido de corça. E bastava Constança morrer três semanas depois do último parto, para mandar gente da sua confiança a buscá-la. Queriam prova maior?

Serás sempre a barregã principal, Inês, a parir filhos bastardos, como tu foste, como foi a minha mãe — repetia-lhe a abadessa quando ela a visitava.

A donzela virava o rosto para o chão, de corpo meio rodado sobre a cintura delgada. E nem o facto de saber-se aparentada com a família real, até com D. Beatriz neta do seu bisavô Sancho IV, lhe dava ânimo para levantar a cabeça. O futuro era incerto, pelas ambições de poder que de Castela apontavam na pessoa de alguns familiares, pela hostilidade do povo português que lhe chamava a galega. Para ter Pedro inteiro e ele a possuir como queria, partiam reino fora a esconder a maridança e a primeira prenhez ainda bem disfarçada.

Embrenhavam-se nas matas de Atouguia e Lourinhã. Era zona farta, com um grande braço de mar navegável a fluir pela terra adentro, uma rota de Santiago pela costa ao longo da Estremadura. Riqueza de pecuária também não faltava, a juntar à abundância de cervos, corças e gamos na amplidão das terras virgens para caçadas intermináveis. Ele ficava no Paço da Serra, ela no Paço de Moledo, na Vila. Era viúvo, não teria de dar satisfações a ninguém, mas um resquício de integridade ditava-lhe a virtude de esconder a ligação profunda com aquela dona.

Só quando a noite chegava e o coro desencontrado das aves tinha fim, mandava o seu homem de confiança auscultar o silêncio dos caminhos e cavalgava sozinho até ao Paço da amada. Olhavam-se…deitavam por terra as túnicas. E loucos de desejo envolviam-se em coreografias de corpos nus e paixão, repetindo cenas de amor em rituais de sublime pureza.

II

NO OUTRO EXTREMO DA VIDA

A suspensão das horas é um vazio, quase morte.

Sancha Peres voltava a sugerir ao Rei, ainda a segurar a lanterna *Ide embora, Senhor…nenhum servidor da casa irá tocar no corpo até que o infante regresse. É ele o dono deste lar, que devia estar guardado pelo respeito à alma de Vossa Mãe, aos princípios de rectidão que ela e D. Dinis vos legaram*

Mas és tu quem me dá ordens, múmia velha? — e levantava a voz, iracundo, como se falasse com um servo

Múmia que vos deu o peito, mal se fazia mulher e paria. E as "ordens", como dizeis, são as mesmas em que Vossa Mãe viu sempre acerto. Vede as ordens que dais enquanto Rei…O sangue começa a correr pelos interstícios das pedras

Ao menos fechem-lhe os olhos…

Em breve D. Pedro chegará, dará pelo fio espesso mal entre a porta, duvidais que siga o rasto e fique louco?

Mais louco do que já é, queres tu dizer. É castigo, só pode ser castigo. Mas não seria capaz de matar o próprio pai

Não fostes vós capaz de guerrear o vosso e ameaçá-lo de morte, por ciúmes de vosso irmão? Não mandastes degolar vosso outro irmão, D. João?

Dois bastardos…

Bastardos é o que não falta nas famílias reais. Se D. Pedro vos encontrar aqui e der com esta desgraça, não pensará em bastardos, porque também assim julgais os filhos dele com Inês. E com razões de estado ou sem razão, não duvido que se levante outra guerra ainda maior. Só vós, Alteza, sabeis das enfermidades de espírito do infante…

O Rei parecia despertar de um sono antigo. Voltava a pedir que ao menos lhe fechassem os olhos, sem conseguir evitar grossas lágrimas nos seus. Três

varões que perdera e uma menina. Dos sete que Beatriz gerara, chegavam três à idade adulta e o único infante varão era doente, não tinha solidez mental nem pulso firme para conduzir o reino. Gil Vasques rogava-lhe que partisse, garantindo que, antes de entrar, as palavras de todos se faziam ouvir entre a ramagem dos choupos, onde os pássaros já se aninhavam com mimos de chilreados.

Diogo Lopes Pacheco vinha chegando com a mesma ideia. Pegava no outro braço de D. Afonso e, passando a lanterna ao vassalo e escudeiro Rui Vicente, amparava-o com afectuoso respeito

Depressa, Alteza, antes que seja tarde

Os homens de Álvaro Gonçalves excederam-se…diz tu a estas mulheres que não mandei matar Inês. Devias ter estado presente, para impedir o teu pai

Vigiava, lá fora, Senhor. E juro por Deus que meu pai não lhe tocaria num cabelo se fosse vivo, não é verdade, Senhora?

Sancha confirmava só com um revirar de olhos, cansada daquela farsa. Que importava o que fora, o que podia ter sido? A desgraçada ali jacente já não podia clamar misericórdia para recuperar a vida. E depois bem sabia que o Rei delirava naquele instante, a confundir Diogo com o seu pai Lopo, que fora um homem forte do reinado anterior e no princípio daquele. Pelos seus méritos fora aio de Pedro e da infanta Leonor, senhor de muitos títulos e mercês. Assim mesmo não se desmanchavam, nem ela nem os conselheiros do rei. Que pensasse o que quisesse, o que se aproximava seria bem mais temível

Não vos atormenteis, Alteza — ousava dizer Rui Vicente — *o infante e a comitiva ainda devem trazer uma meia hora de atraso, pelo menos. Nem tinham começado a ceia em Montemor quando parávamos no estábulo ao lado, para trocar as bestas*

Pedro então estava por lá…talvez com algum espião infiltrado no Castelo para saber novidades…E teria sido ele a vir trazê-las aqui, antes de nós chegarmos

Os perigos moram em todo o lado, Senhor, até dentro deste Paço e ninguém melhor que Vós sabe que foi ela, D. Inês, o primeiro rosto a ser apagado

De que falas, Rui Vicente?

Das farsas, dos enganos, das perseguições, filhos de ninguém a cobiçarem o espólio dos filhos d'algo, estrangeiros caídos nas graças do Senhor infante…

Bastardos ranhosos que não largam o osso como perros esfaimados. Desde que nasci que os conheço, ainda me fazem pior do que a natureza me criou. Vamos subir à Alcáçova

Alguém, escondido num recanto escuro da loja, serenava quando ouvia tais palavras. Era João Afonso Telo, filho do conde, um dos privados de Pedro a quem ele reservava um lugar de topo. Ficara para trás sob as suas ordens,

estava agora desejoso de mandar transferir o corpo para o cemitério da Igreja de Santa Clara. E já tardava o tempo de endireitar braços e pernas à defunta, de lhe fechar os olhos esgazeados de espanto.

O escudeiro do Rei e os privados levavam-no dali em lamentações angustiadas pelas próprias indecisões. Ele que tanto impusera austeridade à corte, estava a ficar velho, frouxo, farto de reinar. Tanta devassidão, tanta afronta aos mandamentos da Santa Madre Igreja até pelos da casa, tanta necessidade de medidas extremadas. O que mais lhe custava eram os conflitos entre familiares e tantos se perfilavam no horizonte de Castela e Portugal.

III

CADA CAVALGADA UM PENSAMENTO

Quantas voltas de trás para a frente, da frente para trás, se dão pelos caminhos da memória?

Se tinha sido um bom filho, um bom marido, um bom rei? Bom filho não fora por ciúmes. Amava desalmadamente o pai, que era apaixonado, de forma incontrolável, pelo bastardo Afonso Sanches. Compreendia a cumplicidade: ambos trovadores, parecidos no feitio e nas preferências, tão perto um do outro na corte, onde o bastardo era o seu braço-direito, mas como filho legítimo não conseguia aceitar. Afinal era o mais novo de todos, devia ter um tratamento de privilégio.

Bom marido ninguém o podia negar. Casara aos 18 anos com Beatriz de Castela, donzela mais nova dois anos, criada por sua mãe em Portugal desde os 4 ao abrigo do Tratado de Alcanizes. Duas crianças que se avistavam de longe no processo de crescimento e que foram aconchegando a ideia de um dia partilharem os corpos. Afinal partilhavam tudo, até o amor de D. Dinis e da Rainha Isabel de Aragão.

Bom rei? Tentara sê-lo. Esquecidas as calamidades que não podia evitar, sismos, pestes, seca, as guerras levantadas com Castela pelo espírito belicoso dos contendores, duas outras coisas lhe custavam mais: uma era ver o povo faminto, a outra sabê-lo calaceiro, desinteressado da vida. Contornar a carestia de cereais para que não faltasse pão, tornara-se uma das prioridades. Os súbditos agradeciam. Tomar medidas para que não se arrimassem ao bordão em vez de amanharem os campos, era outra. Muitos servos reclamavam das Leis do Trabalho, mas ele era obrigado a legislar sobre o assunto. A pouca população que sobrevivera às catástrofes e à fome tinha de trabalhar em dobro para compensar a falta dos que tinham perecido.

Julgavam que ele não tinha de reclamar do destino por ser rei? Sofrera a

mágoa de ver filhos morrerem em crianças, depois Leonor aos 20 anos com a maldita da peste, casada no ano anterior com Pedro IV de Aragão, já viúvo e com descendência. Nem tão profundo desgosto o fizera sucumbir. Formosa como a mãe, preparada para ser rainha, fugia da maligna, mas ela apanhava nobres e plebeus numa voracidade sem precedentes. Finalmente Maria, a mais velha dos três filhos sobreviventes, a neta preferida da avó Isabel, tão humilhada em Castela na corte do marido entre os que adulavam a concubina e engrossavam a sua esfera privada.

Casá-la com o primo direito, filho da tia Constança, era uma forma de garantir boa vizinhança entre os dois reinos, aliança garantida na guerra, uma barreira de força num oásis de paz na parte mais ocidental da Europa, mas nem a formosura lhe valia para garantir um lugar de privilégio. Alguém que vinha de trás tomava o seu espaço no afecto do marido e de boa parte da nobreza, e os bastardos iam nascendo, dez…enquanto Maria era maltratada.

Ele, Afonso IV, desencadeava com o genro e sobrinho uma luta sem tréguas durante três anos que o deixavam debilitado. Afonso XI, o sobrinho, era o mesmo que havia de impedir a vinda da falecida nora Constança, presa em Toro a seu mandado, libertada só dois anos depois dos esponsais com Pedro, em Évora. Casariam em Lisboa com amarguras pelo meio. Sem forma de ver um fim para o conflito, ouvia os conselhos da mulher, sempre atenta aos pormenores mais relevantes

Aproveita a ameaça dos mouros para te acertar com nosso genro. Unam esforços. E caso sejam bem-sucedidos, exige-lhe assinatura de um juramento em como passará a respeitar Maria

Uma ideia brilhante que tivera Beatriz. Sogro e genro juntavam esforços numa união vencedora na batalha do Salado, onde o Rei de Portugal transferia a raiva toda para a luta. Não sabia aonde fora buscar forças para se bater como um leão, uma valentia que lhe dava fama de *O Bravo* e o amor terno da mulher por uma semana seguida. Sim, as damas gostam dos valentes. Mas se a guerra com o sobrinho terminava com êxito, não resolvia as humilhações que Afonso XI de Castela impunha a Maria de Portugal: juramento desrespeitado, subjugação completa aos encantos da concubina Leonor de Gusmão, tratada como verdadeira rainha. Afonso XI morria de peste, o único filho dele com Maria vingava-se, mandando degolar a barregã. Se o problema ficava resolvido? Não…legítimo e bastardos digladiavam-se ferozmente.

Tanto ambicionara a missão de rei, guerreando o pai por tempo longo para não perder o direito a herdar o trono, e afinal, ao que essa herança tinha de prestigiante, correspondia uma pressão devastadora. Estava arrependido de ter exposto o progenitor, um legislador notável avançado para o seu tempo. Não

devia ter imposto tanto sofrimento ao povo do seu reino, dividido durante mais de quatro anos entre os adeptos do Rei e os parciais do infante. Lamentava ter escorraçado o irmão bastardo Afonso Sanches, legitimado por D. Dinis? Não muito, tinha-lhe raiva. Doía-lhe mais ter mandado degolar João, o outro irmão bastardo, por causas mesquinhas que a bastardia acarreta. Mas não era isso que o atormentava, agora.

Nunca em tão pouco tempo revira uma vida inteira, tal a angústia que o tomava, enquanto os cavalos subiam a ladeira para a Alcáçova. E dizia, em tom magoado, que estaria a ser castigado pelo sofrimento que causara ao pai

Quando Pedro entrar ali, vai gritar alucinado — e para Diogo Lopes Pacheco, Senhor de Ferreira — *E meus netos, como ficarão quando souberem?*

Pela primeira vez falava dos "netos", atributo que só destinava aos infantes Fernando e Maria, órfãos da nora Constança, ele um varão delicado, protegido para poder herdar o trono, ela casada o ano passado por ele, avô, com o aragonês marquês de Tortosa, um varão mais velho treze anos que a tornava infeliz. Nem era tanto o marido, era a hostilidade do irmão Rei, viúvo de Leonor e casado de novo, ou então a nova Rainha, com forte ascendente sobre o marido, que influenciava a família real aragonesa…O que fizera ele com o destino daquela donzela a quem o pai pouca atenção dedicava?

Entravam agora no pátio do Paço da Alcáçova. Devia mandar preparar carros e bestas descansadas, recolhidas antes de chegarem a Coimbra. Não havia outro remédio senão seguir para outro Paço qualquer, para sul ou para norte, desde que bastante longe dali. As crianças ficariam entregues às aias e criadores. Pensando bem, nem sabia quem as mandara vir no dia de tão macabro espectáculo. Ele não fora.

Tinham de abalar depressa, mas antes só queria estar com a sua Rainha. Nas horas de maior angústia, sentia-se arreitado que nem um garanhão no êxtase do cio.

IV

NA VÉSPERA DA DESGRAÇA

Há três dias que o príncipe e a comitiva andavam pelas terras encostadas ao mar, não muito longe do Paço da Rainha. D. Gil Viana, aquele deão frágil das ideias, tão destituído de massa cinzenta que se prestava a anedotas, também ia. Era seu físico, precisava dele, dizia a toda a hora o herdeiro, mas sendo duvidosa a sua eficiência, por alguma outra razão o trazia sempre a reboque. Só tinha o mérito de fazer tudo o que o infante lhe pedia.

Parecia mais criado do que Estêvão Lobato, com temperamento forte e ressentimentos. Coisas antigas, que nunca poderia perdoar ao futuro rei. Mandara capar um amigo seu e de um macho garboso, preparado, bom cavaleiro, sobrara uma amostra de gente, nem macho nem fêmea, sem coragem para se mostrar. Reduzido à miserável existência nos cantos esconsos de uma quintã, só pensava como e quando devia pôr termo à vida.

A caçada para os lados de Montemor tinha rendido pouco. Os gamos não se avistavam, os javalis pareciam ensinados para nem um ronco se ouvir

Filhos de javarda! Engordados com as bolotas e as castanhas das matas reais, parecem treinados para cheirar suor humano — dizia o taberneiro quando abancavam à mesa

Mas bem sabes que é de veado que nosso infante anda carente

Pedro levantava os braços de mau humor, mas sem a turbulência de génio que lhe surgia por ondas quando se sentia preso

Não ando carente de nada. Gosto mais da vianda de gamo, mas não a comendo há tempos, pouca falta me faz. Bem sabeis que não sou de lautos banquetes. Qualquer peito de galo ou de abetarda me satisfaz

Os parciais disfarçavam o sorriso, bem sabiam como o infante apreciava mesa farta para ele e para os companheiros. Talvez por isso gostasse de

manter à sua volta gente fidalga com seus lacaios atrás, muito dados a excessos que o divertiam. Dessa vez deixara que se lhes juntassem mais homens do povo, para fazer crescer uma fama que já vinha dando frutos e agora mais lhe interessava…"O *futuro rei tanto abriga filhos d'algo como os miseráveis. E se for preciso açoitar os primeiros por molestarem os outros, não se faz rogado.*" Às vezes parecia fazer disso exibição para aplacar a fúria, ou para representar uma bondade que os piores actos negavam

Mas tendes razão, Carrasco…são os javalis que afastam as crias tenras dos veados que dantes corriam por aqui

Já não irá à mesa de Vossa Alteza uma lasca dessa carne faz um mês, se assim creio…

Há semanas, sim — confirmava o futuro rei ao taberneiro Carrasco — *e acaba com o tratamento de Alteza que é só devido a meu pai*

Não, não queria carne de cerdo. Pois não acabava de dizer que dessa raça estava farto? Talvez capão num caldo guloso, uma mão cheia de arroz. E a cozinheira, à socapa, metia um naco pequeno de toucinho gordo para amaciar os grãos. Se D. Pedro desse pela ousadia, podia mandar decepá-la, mas os seus homens gostavam, comiam tudo e convenciam o futuro rei

Está melhor do que nunca, Senhor — e já arrotavam como animais, deixando depois escorregar o vinho pela goela para adocicar a conversa.

Era sempre do mesmo que falavam: damas, donzelas, mancebas e barregãs, como se lhes quisessem despir as vestimentas e alisar o pêlo. Estêvão Lobato excedia-se no zelo, berrando com o taberneiro por ele dizer maravilhas das formas arredondadas de umas "damas" que podia recomendar

Damas? Mundanas, a cheirarem a ranço das sertãs e a lavagem dos porcos. É dessas que recomendas ao nosso futuro rei?

Ao nosso príncipe jamais, mas Vossa Senhoria comeu uma em três tempos, num dia em que por aqui passava bem faltoso…

O criado de Pedro mudava de tom

Tempos bons, em que eu e os meus companheiros de eleição papávamos fêmeas sem entraves, mesmo às escuras. Agora até se nos arrepia a pele só de pensar que alguma não é o que parece…

Olhava de esguelha o futuro rei, quase a bufar como um touro. Bem sabia que o criado o acusava da sua violência na "administração" da justiça, que ainda não lhe competia, como fizera com Afonso Madeira. Resolvia então passar a raiva para o taberneiro

Apressa-te, Carrasco…não estás a servir o Rei, mas o futuro rei e sua gente

E cerrando os dentes de fúria, deitava um fero olhar a Estêvão Lobato, um criado destemido dado a certas ousadias, mas sempre fiel como um perro

desde que se conheciam. Não se atreveria a traí-lo, nem ele a castigá-lo de maneira feroz. Pouco mais velho, arguto e bem preparado, ao menor castigo havia de gritar tudo o que sabia a seu respeito e era tanto, tão mau…Por seu lado Estêvão acompanhava em silêncio o raciocínio de Pedro. Nunca vira infante mais dotado de inteligência, quando andava apaziguado. E ainda grande, formoso, alegre, mas nunca seria nada sem aquele grupo de parciais para lhe mitigarem as fúrias repentinas. Quando atacado por uma loucura estranha, parecia um animal evadido de um covil. Sentia um prazer quase orgástico na imposição da tortura.

Afonso Madeira…o que lhe fizera, tivera a sustentação de um querer desmedido, impróprio para a sua condição, dizia-se na corte. Julgava que o cavaleiro era pertença sua. Que o admirava, era certo. Como não gostar da mais brilhante estrela do seu firmamento de servidores? Talvez aquela fúria fosse alavancada pelas más-línguas. Não faltavam os invejosos da formosura de Afonso, das qualidades superiores que o distinguiam de todos, do sucesso entre as damas da corte…até dos privilégios que usufruía do futuro rei. Sabujos que instigavam o infante a fazer-lhe mal e que lhe dariam razão em todas as violências, só para obterem umas moedas de oiro, ou uma courela para criarem porcos…

Então sempre posso falar às mancebas? — insistia o taberneiro, por longo tempo calado, temeroso do desfecho de tão pesado silêncio. Sentia ali uma sombra negra que apagava o sorriso do criado de D. Pedro, tão instável naquele fim de tarde como o próprio infante. Chegava até a correr atrás de si de punhal em riste, só por ele querer agradar perguntando se arranjava as fêmeas, como sempre fizera.

V

ALFOBRE DE ERVAS RUINS

Manobras de diversão não tiram o mal pela raiz, e dela germinará um mal maior.

Pedro dava um murro na mesa de pinho, que abria logo a ligação de duas tábuas

Páááára com isso, Estêvão, ele diz a verdade. Eu também andei desvairado por aí quando estava carente. E vê se és honesto contigo. Carrasco, este homem que nos serve tantas vezes a vianda, sabe arranjar mancebas com boas tetas e traseiros

Estêvão já nem se lembrava do assunto começado há pouco. Na cabeça só lhe bailavam as palavras de Afonso Madeira, que poderia estar ali com eles como era costume tantos anos atrás. Certa manhã, depois da violência que sofrera, cheio de tremuras, dores atrozes e já com voz de donzela, mandava-o chamar para lhe confessar que estava pronto a dar fim à vida. E só lhe prometia aguentar porque o amigo, dos poucos que lhe restavam, jurava que um dia, um dia qualquer, havia de arranjar forma de o vingar. Como? Primeiro amputando os bajuladores do infante, que a seu mandado lhe prenderam as mãos e assistiram com gozo a tanto sofrimento. Depois obrigando o próprio infante a ver o resultado da sua insanidade. Afonso confiava. Afinal nenhum outro criado do futuro rei sabia tanto da sua vida como Estêvão. Conhecia-lhe as fraquezas todas desde o nascimento. Que aguentasse, se pudesse, dizia-lhe, porque ainda voltaria a ser quem era dantes. Com tamanha dose de esperança, dera-lhe ânimo para aguentar o tormento.

Agora acudiam gargalhadas tão sonoras, que conseguiam contagiar o grupo todo, menos a ele, Estêvão Lobato. Nem sabia do que falavam. Serenava dos pensamentos de há pouco, mas outros lhe acudiam igualmente graves. Não se lembraria o infante de que já teriam ditado a sentença de morte da sua Inês,

ou procurava esquecer fingindo que nada se passava? Carrasco estava agora sentado entre eles, a ouvir as graças do futuro rei. Uma coisa que não podiam negar a Pedro era a popularidade sem demasiadas concessões, quando estava para aí virado. Nessas alturas não fazia distinção entre nobres e plebeus. Escutavam-no, com agrado

Pior foi ter de perseguir uma delas pelos arrozais…apanhei-a toda enlameada, a debater-se entre os meus dedos como uma enguia…Não saberia que era o infante a fodê-la, mas depois até deve ter gostado

Risada geral. Todos se lembravam de Pedro chegar à mesa e puxar a fralda da túnica toda borrada de lama para que lha limpassem

Se gostava, porque se debatia? — Estêvão estava pouco virado para risadas, com vontade de desafiar o futuro rei, mormente quando outro companheiro, já alterado pelo álcool, atirava uma bojarda. E era o que salvava a situação, já que Pedro lhe arreganhava os dentes como um alão raivoso

As fêmeas deviam ser todas desflorados antes dos 12 anos, com as tetas ainda firmes e o cheiro a leite da mãe — era o escudeiro Geraldo Esteves que logo se arrependia, a julgar pela expressão que tomava.

Pedro abria mais os olhos, a ideia não lhe parecia de deitar fora. Se até aquele varão, a quem destinava importantes missões na sua corte pela habitual sobriedade, tinha uma saída tão estimulante para as horas de ócio, não seria ele a impedir. E com entusiasmo reforçava a ideia

Tragam-me as vossas filhas e numa noite dou conta de todas as que forem donzelas

Cessava logo a risota. O vinho e as moelas fritas davam volta às entranhas de Lobato. Sabia que Pedro podia ser mordaz em certas ocasiões, mas não estava certo se aquela era uma delas. De qualquer modo, outros haveria por ali aptos a desflorar filhas e filhos de outrem. E apetecia-lhe perguntar se podia fazer o mesmo à infanta, filha do futuro rei e de Inês de Castro, agora com 8 anos. Levantava-se a soltar vento malcheiroso das entranhas, com a mão esquerda na boca. Mal chegava à janela estreita da cozinha, largava a ceia em golfadas ruidosas, sujando a parede da casa rente à grande chaminé.

O escudeiro, apoquentado pelo que dissera, aproveitava para ir lá fora descarregar. A bem dizer, todos os que tinham filhas donzelas se sentiam nauseados. Poucos agora se atreviam a rir com a ideia na cabeça. As donzelas de suas casas a serem filhadas? E se no dia seguinte, livre dos vapores do álcool, Pedro se lembrasse de que Geraldo propusera aquela ideia…levaria em conta que ele estava sob o efeito do carrascão?

Conviviam desde infantes, guardavam as portas das várias moradias por onde D. Pedro se esgueirava pelas tardes pardacentas, ainda a mulher era viva.

Vigiavam a orla da floresta, quando mais tarde assentava morada no Paço do Rei, na Serra, e à noite ia visitar Inês no Paço de Moledo, em terras da Lourinhã. Já a mancebia secreta ameaçava transformar-se em união de facto e até lhes nascia o primeiro filho, baptizado em segredo com o nome de Afonso e logo morto por falta de ajuda capaz. Tinha então o pai promulgado as leis contra a barregania e tinha ele descoberto que era corpo de dama, só o de Inês, branco e acetinado, que desejava possuir.

Tudo segredos escondidos do velho rei, que apenas viria a saber da maridança quando atingiam as terras de Canidelo, já com outra filha nos braços. Pedro, o infante herdeiro, devia-lhes muito. Eles deviam-lhe algumas mercês naturais pela fidelidade demonstrada. Estêvão Lobato ainda lembrava aquela semana agitada

Meu Amigo, organiza tudo para viajarmos até Bragança. A Senhora D. Inês vai parir outra criança e moram lá aqueles que desejamos venham a ser os seus aios

Mas Suas Altezas têm conhecimento, D. Pedro?

Temos nós…e com meus pais me entenderei

Claro, Senhor, só perguntava porque D. Constança Garcia é de trato chegado à Rainha, vossa mãe, e foi praticamente cunhada de El Rei

Praticamente, dizes bem…meu pai nunca gostou de nenhum dos irmãos bastardos, apesar de Fernão Sanches não lhe ser hostil. Mas gosta e muito do novo marido dela, Gomes Rodrigues, de tal sorte que pensa dar-lhe todos os bens de meu tio

E lá iam para entregar o infante João de quem ele, futuro rei, esperava muitos e bons feitos, mal crescesse. Já nem parecia ter medo das iras do pai. E em boa verdade, poucos dos parciais o censuravam: era viúvo, amava aquela dama, porque não exibi-la perante toda a gente como sua, se já tinham feito quatro filhos? Era mais o povo, diziam, que não podia ver a galega, a quem acusavam de ser culpada das desgraças que caíam sobre o reino. O povo…mas quem se fazia passar pela voz do povo, algum valido do Rei D. Afonso? Era quando decidiam vir para o Paço da Rainha, em Coimbra, que fora da sua avó Santa Isabel e onde havia de nascer o pequeno Dinis, nesta altura com mais de 1 ano de idade. Ali tão perto da corte, à vista de toda a gente.

Bem sabiam todos que mal D. Constança morria, trazia ele Inês de Albuquerque contra vontade do Rei, mas corria a todo o lado onde houvesse carne tenra, ou promessa de uma tarde ou noite bem passada. Mal lhe diziam que havia mulher viúva de fresco a chorar a solidão, e até mancebo desiludido com algum desgosto de amor, lá ia o infante a segurar a vontade de ser o primeiro a filhá-los. Um amor desesperado, fazia Pedro crer a D. Afonso? Isso

era antes de ter Inês toda para si. O que viam os do seu bando era a ninhada a crescer, mas a vontade do príncipe por dama ou por dona de mau porte continuava igual ao que sempre fora desde tenro infante. Para ele qualquer uma podia vir a ser uma boa barregã, nunca estabelecera diferença senão de homem para mulher e entre elas, as que ficavam como estátuas e as que melhor abriam as pernas para gozo do macho arreitado.

Diferença entre homem e mulher?…Uma história para ser contada mais tarde, pensava Estêvão Lobato de sobrolho carregado. Pedro mudara desde que conhecera Inês, mas ainda podia contar uns certos casos…Quase sempre antes de voltar aos braços de Inês, perdida de amor por ele e bem treinada nas artes de agradar, ceava com o seu grupo a contar os pormenores das aventuras do dia. Não era raro apreciar um petisco entre canaviais, antes ou depois de varar a porta de outra dama de encontro já aprazado. Eram fases, algumas de tanta instabilidade que Pedro não parava quieto.

O escudeiro Geraldo Esteves entrava agora, já de feições menos pálidas, aliviado de todas as cargas. Os outros queriam saber de tudo, até Lobato

Aonde foste cagar?

Lá fora, longe da casa, aonde houvera de ser?

Não me digas que te atreveste a ir aos meus arrozais

Era Pedro com as feições alteradas, a lembrar as vezes que comera arroz naquela hospedaria. Agora gaguejava muito, sinal de que estava irado, ou de ir caindo na realidade das horas da execução

Nada disso, Senhor. Carrasco inaugurou uma casota onde a merda, com Vossa licença, é tapada com cinza do borralho e cada um pode lá peidar-se à vontade. Eu mesmo tirei uma pazada e cobri o monte que fiz

Para atenuar os humores do herdeiro, e ainda a tremer com o destino das filhas, Álvaro Pais só perguntava

E agora, antes de voltarmos à cidade, que mais desejais, Senhor? Que vos lavemos os pés, um caldo quente para sossegar o estômago?